

Torres Origens

Ruy Ruben Ruschel

3ª Edição

Personagens da História de Torres

Volume II

XI. A COLÔNIA ALEMÃ

1 – O PLANEJAMENTO

O plano imperial de introduzir imigrante alemão no Rio Grande do Sul datava de antes. Porém o detalhamento do mesmo, bem como a escolha dos locais, dependeria da vinda do 1º Presidente efetivo após a Independência, o Dês, José Feliciano Fernandes Pinheiro. Aí por 20 de fevereiro de 1824 ele ingressou na Província, atravessando o Mampituba, e logo conversou a respeito com seu conterrâneo (paulista) Ten. Cel. Francisco de Paula Soares, Comandante do Presídio. Foi nesta ocasião que concebeu a ideia de colocar ali em Torres uma colônia alemã. Foi, portanto, esta primeira localização que escolheu, antes mesmo de tomar posse de sua governança.

Se, por motivos práticos, começou por distribuir os alemães em outros pontos -1º Em São Leopoldo (1824), para aproveitar instalações já existentes de uma estatal falida (a Feitoria do linho cânhamo)e 2º em São João das Missões (1825), para utilizar a pequena cidade abandonada pelos índios, nem por isso Fernandes Pinheiro esqueceu seu projeto original, como se deduz na carta que escreveu em 22-04-1824 ao Ministro de Estrangeiros: "quando viessem colonos em superabundância, desejaria ser autorizado para plantar uma pequena colônia no sítio chamado Das Torres. É um ponto importantíssimo, a chave propriamente da Província da parte do norte: há pouco, na minha passagem por ali, recomendei ao oficial que levantasse a planta de um espaço de terreno azado para uma tal fundação".

O comandante Soares, o "oficial" referido na carta, procurou tal espaço e chegou à conclusão que o melhor seria colocar os imigrantes em terras devolutas que estava a descobrir nas margens do Rio Mampituba, ao longo da estrada de penetração que aí construía. Esta proposta foi encaminhada ao Governador Pinheiro em carta datada de "Piranga" (isto é: Baluarte Ipiranga), 01-04-1825: "Lembramos agora dizer a V. Excia. que neste distrito há infinidade de terra devolutas e que melhor e mais vantajoso para este lugar, se estabelecesse uma colonia nas vizinhanças na nova estrada para Vacaria. Ali há terras para toda sorte de lavouras, para cana as de barro, para mandioca as de areia, para arroz e linho as terras baixas, para algodão e mantimentos as altas. Matos, os milhares, tudo isso com navegação para aqui". Na mesma carta explicava que na primeira etapa da estrada vinha sendo aberto até onde o Mampituba era navegável; ali seria erguido um Quartel - Paliçada, que em cartas posteriores explicou chamar-se Forte da Glória e destinar-se a servir de centro de colonia alemã. O nome foi atribuído por sugestão do Presidente Feliciano como homenagem à princesa Maria da

Glória, filha mais velha de D. Pedro I, como se vê em apontamento de próprio punho na margem de outra carta que recebeu do Comandante Soares no mesmo mês.

O parecer do subordinado foi aceito integralmente pelo presidente da Província, como se vê em um ofício que encaminhou ao ministério em 22-05-1825, no qual pedia autorização expressa para acomodar os alemães da última leva recém chegada "beirando a estrada nova que se trabalha por fazer praticável entre o presídio das Torres e os habitantes de cima da serra, para descerem por ali os animais e mais produtos que se exportam para a Província de Santa Catarina e cuja as terras consta-me que não são tão pingues (= férteis).

Esse projeto inicial de localização, resultante das províncias adotadas pelo Presidente Feliciano Pinheiro (futuro Visconde de São Leopoldo) e pelo comandante Soares. Acabou sendo profundamente modificado na prática, como se verá mais adiante. Mas nele se torna presente o cuidado de ambos acertar. A ideia básica era por os agricultores alemães em terras bastante férteis e produtivas e, ao mesmo tempo, torna-los intermediários entre os pecuaristas do planalto vacariano e o litoral catarinense. Ali os colonos não ficariam isolados: comunicar-se-iam facilmente com a sede do Presídio através da navegação fluvial e da estrada de penetração. Todavia, os planejadores não contaram com as enchentes catastróficas do Mampituba de então, fator que foi importante para as posteriores alterações.

2. O TRANSPORTE DOS IMIGRANTES

Em junho de 1826, o Comandante Francisco de Paula Soares foi chamado a Porto Alegre pelo novo presidente da Província, Brigadeiro José Egidio Veloso da Barbuda (Visconde de Caramuru), que o convidou a assumir a responsabilidade de implantar e gerar em Torres a planejada Colônia Alemã. Relatou à intimação. Com seus 29 anos de serviço, sentia-se velho mesmo para o Comando do Presídio, pretendendo pedir reforma. Mas o governador insistiu, invocando até o interesse e a autoridade do próprio Imperador. O Tenente Coronel Soares teve de aceitar o encargo e em 04.08.1826 foi nomeado inspetor da Colônia de Torres.

Em setembro foi a Porto Alegre buscar os novos moradores do distrito. Tendo organizado a lista dos que estavam em São Leopoldo, mas dispostos a mudar-se (ou porque ainda não haviam recebido lotes, ou porque não lhes agradaram os que receberam), encaminhou-a ao Visconde, com a relação das enchas, machados, foices e panelas, como também do gado cavalariço e vacum, que deveriam ser entregues a cada qual. O rol era constituído de 352 pessoas, sendo 77 famílias e 40 solteiros avulsos. As ferramentas e utensílios foram calculados em 530 e os animais necessários, em quase 700. Mas como houvesse chegado a Porto Alegre a sumaca "Generosa" com outra leva de imigrantes também estes foram destinados a Torres. O inspetor Soares encaminhou de imediato a lista suplementar de mais 66 pessoas, sendo 9 famílias e 24 avulsos; para tais previam-se 143 instrumentos de uso e quase 200 animais.

Em ofício de 24-09-1826, Soares pediu o fornecimento imediato dos meios de manutenção em viagem e dos objetos a dar aos colonos. Sugeriu mais, que os bois, vacas, cavalos e éguas para lhes distribuir fossem comprados em Mostardas e em Cima da Serra (São Francisco de Paula).

Aproveitou para solicitar que o agrimensor da comarca de Santo António da Patrulha se deslocasse logo a Torres a fim de medir os lotes.

Os mesmos quatro barcos que trouxeram os colonos de São Leopoldo, via Rio dos Sinos, e mais outro com os últimos a chegar, partiram da capital em fins de outubro de 1826, desceram o Guaíba, entraram na Lagoa do Casamento e aportaram em Capivari em três de novembro seguinte. Nesse local fez-se o transborde de tudo para as 26 carretas que haviam sido requisitadas às Vilas de Santo António e Conceição do Arroio.

Depois de 24 horas de descanso, no dia 5 a longa caravana de carretas seguiu pelos campos na direção do Rio Tramandaí. Como as ferramentas, panelas e bagagens não coubessem todas, algumas famílias ficariam para trás, mas parece que uma dezena de quilômetros antes, em Quilombo, o problema se resolveu: o Inspetor Soares deixou ali sua própria bagagem particular e arrumou mais carretas para acomodar a todos. Para guiar as carretas, usou escravos seus. Quanto ao gado do abastecimento em viagem, ia tangido por presos que lhe tinham sido fornecido em Porto Alegre.

Já no dia 7, chegavam a Tramandaí. A travessia do rio demorou uns 5 ou 6 dias, mais do que o previsto, porque o comandante de Conceição do Arroio não tinha providenciado canoas em tempo.

A marcha da grande caravana prosseguiu para os campos do litoral, antiga via que agora coincide aproximadamente com a Rota do Mar (RS 386). Momento houve em que os alemães puderam avistar o oceano, atrás do qual haviam abandonado sua antiga pátria.

Finalmente, em 17-11-1826, moídos de cansaço, chegaram à localidade das Torres O inspetor acomodou-os 'provisoriamente e recenseou: somavam 421, sendo 237 protestantes e 184 católicos. Assim terminou a aventura de seu transporte. Estava por começar o doloroso processo de seu assentamento.

3. A COLÔNIA TRÊS FORQUILHAS

Quando os alemães chegaram em Torres, não se cogitava de localizar quaisquer deles no Vale dos Três Forquilhas. Equivocados, portanto, os historiadores que afirmam premeditada a separação radical dos protestantes, bem como os que narram a vinda deles diretamente de Porto Alegre para aquele vale. Segundo o projeto original em execução, todos protestantes e católicos seriam instalados na margem do Rio Mampituba com apoio na Glória onde estava uma guarnição de soldados guaranis, defensiva contra os bugres, e onde ficariam o policiamento, a escola, o templo evangélico, etc.

Naquele fim de ano de 1826 choveu muito, o Mampituba alagou suas margens e a demarcação se atrasou. Os imigrantes acampados em Torres começaram a ficar impacientes: alguns quiseram voltar a São Leopoldo ou Porto Alegre. Só no verão de 1827, meses depois, é que se efetuaram as demarcações. O agrimensor Frederico Carlos Voges também era alemão, buscado em São Leopoldo especialmente para servir de "ajudante de corda" (auxiliar) do "piloto" (agrimensor oficial) de Santo António da Patrulha, João José Ferreira. O duro trabalho de abrir picadas no mato foi feito por uns poucos sentenciados à disposição do comando e por 40 colonos que se revezavam a cada domingo. Na escolha dos lugares surgiam divergências. A

terra era baixa e sujeita a enchentes, pelo gosto dos alemães, havia mato e banhado demais. Ao próprio Inspetor Francisco de Paula Soares, que tinha imaginado receber só uns 200 colonos (e não o dobro), pareceu ser pouca a terra, por quanto não lhe era lícito atravessar o Mampituba e invadir a província de Santa Catarina.

A insatisfação geral criou impasse. O Tenente Coronel Soares mandou a Porto Alegre o agrimensor Voges com proposta de dividir os colonos em dois grupos, sugerindo algumas alternativas. De lá veio a solução do governo: no Mampituba só permaneceriam os católicos, para ficarem ao alcance imediato da Capela de São Domingos; quanto aos protestantes que estavam acompanhados de um pastor e de um médico próprios - os imigrantes Carlos Leopoldo Voges e Jorge Elias Zinkgraff - seriam acomodados nas margens férteis, mais distantes, do Rio Três Forquilhas .

Em 27-05-1827, o agrimensor João José Ferreira e seu ajudante Voges demarcaram lotes em ambas as margens daquele rio. E logo em junho as famílias protestantes começaram a deslocar-se para lá, usando carretas que arrendaram a 4 mil réis cada (três famílias por carreta). Seguiram pela estrada do campo (hoje Rota do Mar) até a Sanga do Cornélio e dali, através da Terra de Areia, até o destino.

Nesse meio tempo o Inspetor Soares chegou da Capital, onde fora buscar instruções; mesmo adoentado, sorteou os lotes aos colonos e providenciou que viajassem os que ainda aguardavam. Em agosto de 1827 completavam os protestantes seu assentamento regular. Em dezembro tornaram a iniciativa ao Governo do Império, em francês, uma carta de agradecimento em que diziam orgulhosamente:

"há alguns meses que somos proprietários desta bela zona e plantamos o que queremos - frutas e hortaliças, tanto as do Brasil, quanto à da Europa".

A colônia Alemã de Três Forquilhas tinha sido a primeira a se estabelecer.

4. A COLÔNIA SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA

Restava o problema de localizar os alemães católicos nas margens do Mampituba, porém continuavam a recusar essas terras baixas e semialagadas. Em julho de 1827 seis deles, com o agrimensor Frederico Carlos Voges, foram conferir. Voltaram desanimados, murmurando que também eles deveriam ser levados para Três Forquilhas, onde as terras eram superiores. Vinte e oito católicos chegaram a pleitear em requerimento à presidência da Província, terra nos campos de Tramandaí ou outros lugares.

O inspetor Tenente Coronel Francisco de Paula Soares foi chamado a Porto Alegre onde a pretensão dos colonos foi rejeitada. Decidiu-se, então, a procura de terras mais enxutas, um pouco ao sul do Mampituba, entre as Lagoas do Jacaré e do Morro do Forno, onde o próprio Soares possuía um engenho de cana. O agrimensor Voges deslocou-se para ali afim de pesquisar-la.

Praticamente um ano depois da chegada dos imigrantes, em 02-11-1827, Voges apresentou seu relatório. Havia ali terras boas e altas, suficientes para até 400 casais, não contando as pantanosas da beira do rio que poderiam ser doadas em parte. O problema era a inexistência de estrada de acesso.

O inspetor pôs os católicos na parede: ou aceitavam a nova proposta ou iriam comprimir-se no Vale do Três Forquilhas, onde os melhores lotes já estavam nas mãos dos protestantes. Uma comissão de quatro deles foi examinar alternativas entre as lagoas, e gostou. Então o agrimensor entrou a demarcar terrenos.

Em fevereiro de 1828 sortearam-se os primeiro 40 lotes, enquanto se completava a demarcação de outros e se abria uma estrada de acesso para carretas, obra que era feita por sentenciados. Umas 15 famílias ocuparam logo seus terrenos, construíram casas, plantaram feijão. Mas, ao contrário de que imaginava Soares, não estava “desatado o nó górdio alemão”.

Vinte outras famílias desistiram das terras e ameaçaram surrar os aceitantes e queimar as casas. Alegaram que seriam sujeitos aos ataques dos bugres escondidos nos matos no Morro do Forno. Os rebeldes eram liderados por um francês, Louis Marie Boudier, que tinha vindo avulso com alemães e por um tal de Magnus.

Convencido que a verdadeira causa da revolta de alguns era a intenção de temporizar para continuarem a receber o subsídio em dinheiro que vinha da Coroa enquanto não assentado, o inspetor bancou energia. Prendeu o sedicioso Boudier (ocasião em que quase recebeu um tiro do colono Johan Kratz) e o remeteu para Porto Alegre com a recomendação de alistá-lo nas forças armadas. O agrimensor alemão foi junto para dar explicações 09-03-(1828).

O governo Providencial decidiu cortar a rebeldia pela raiz. O Conselho Geral (Assembleia Legislativa de então) sustou o pagamento dos subsídios aos colonos em maio, o que se cumpriu a partir de junho. Mas o motim dos rebeldes não cessou. Em "assuadas" (balburdia), alguns foram protestar na Capital. As autoridades recolheram dois deles à “Presigangas” (navio-prisão): Matías Deutsch e Antônio de tal (possivelmente Kreuzburg). Foi água fria na fervura.

Pressionados por tais medidas de força, afinal em julho de 1828, um ano e meio após a sua chegada, os últimos colonos católicos ocupavam seus lotes, os mais contrariados fugiram para São Leopoldo ou outros lugares.

O nome São Pedro de Alcântara, que era um santo espanhol (1499-1562, fundador dos franciscanos descalços) inicialmente foi aplicado à Colônia Alemã de Torres em seu todo, como homenagem indireta ao Imperador, também chamado Pedro de Alcântara. Porém, acabou por se fixar apenas para a Colônia, embora mais tarde (1847), sua capela foi erguida com outra invocação: Nossa Senhora do Amparo.